



DASHIELL  
HAMMETT

o  
Ho  
MEM  
SOM  
BRA

Tradução de  
**Susana Silva**

 Porto  
Editora

Estava encostado ao balcão de um *speakeasy*<sup>1</sup>, na 52<sup>th</sup> Street, à espera de que Nora terminasse as compras de Natal, quando uma jovem se levantou da mesa onde estava sentada na companhia de outras três pessoas e veio ao meu encontro. Era baixa e loira. Tanto o rosto como o corpo, cingido por um fato azul-claro de corte desportivo, constituíam uma visão agradável.

– É Nick Charles, não é? – perguntou.

– Sou, sim – respondi.

Estendeu-me a mão.

– Dorothy Wynant. Não se lembra de mim, mas deve recordar-se do meu pai, Clyde Wynant. O senhor...

– Claro que me lembro dele – retorqui – e de si também, embora fosse apenas uma garota de onze ou doze anos, não é verdade?

– Sim, mas entretanto já passaram oito anos. Lembra-se das histórias que costumava contar-me? Eram verdadeiras?

– Provavelmente, não. Como vai o seu pai?

Ela riu-se.

– Ia perguntar-lhe isso, justamente. Sabe, a minha mãe divorciou-se dele, por isso nunca temos notícias suas, a não ser quando os jornais divulgam alguma das suas excentricidades. Costuma vê-lo?

<sup>1</sup> Bar onde se vendiam e consumiam ilegalmente bebidas alcoólicas durante o período da Lei Seca nos EUA (1920-1933). (*N. do E.*)

O meu copo estava vazio. Perguntei-lhe o que gostaria de tomar e ela optou por um uísque com soda. Pedi dois.

– Não, agora vivo em São Francisco.

– Gostava de estar com ele. A minha mãe faria um escândalo, se soubesse, mas a verdade é que gostava de o ver – declarou, falando pausadamente.

– E então?

– Já não vive na casa onde morávamos, em Riverside Drive, e o seu nome não vem na lista telefónica.

– Experimente contactar o advogado dele – sugeri.

O rosto de Dorothy animou-se.

– Quem é?

– Costumava ser um sujeito chamado Mac-qualquer-coisa, Macaulay, é isso, Herbert Macaulay. Tinha um escritório no Edifício Singer.

– Emprésteme uma moeda – pediu ela e dirigiu-se à cabine telefónica.

– Regressou sorridente. – Encontrei-o. Está aqui perto, na Fifth Avenue.

– Quem, o seu pai?

– Não, o advogado. Disse-me que o meu pai está fora. Vou passar por lá para falar com ele pessoalmente. – Ergueu o copo na minha direção. – Às reuniões familiares! Olhe, porque é que...

*Asta* saltou e pousou as patas dianteiras na minha barriga. Nora, que a segurava pela trela, explicou:

– Teve uma tarde fantástica: derrubou uma mesa repleta de brinquedos no Lord & Taylor, lambeu a perna de uma mulher gorda no Saks, pregando-lhe um susto horrível, e recebeu mimos de três polícias.

Encarreguei-me das devidas apresentações.

– A minha mulher; Dorothy Wynant. O pai foi meu cliente, quando ela era pouco mais que uma criança. Boa pessoa, mas doido varrido.

– Eu tinha um autêntico fascínio por ele – confessou

Dorothy, referindo-se a mim. – Era um detetive em carne e osso e eu não lhe dava um momento de descanso, sempre a pedir-lhe que me falasse sobre as suas aventuras. Fartava-se de me contar mentiras, mas eu acreditava em tudo o que me dizia.

– Pareces cansada, Nora – comentei.

– E estou, de facto. E se nos sentássemos?

Dorothy Wynant disse que tinha de voltar para a sua mesa. Despediu-se de Nora com um aperto de mão e convidou-nos para um *cocktail* em sua casa. Estava com a mãe no Courtland e o apelido da mãe agora era Jorgensen. Respondemos que teríamos o maior prazer e retribuímos o convite dizendo que ela tinha de ir visitar-nos em breve. Estávamos hospedados no Normandie e permaneceríamos em Nova Iorque cerca de duas semanas. Dorothy fez uma festa na cabeça da cadela e afastou-se.

Encaminhámo-nos para uma mesa.

– Bonita, ela – comentou Nora.

– Para quem gosta do género.

– Agora tens preferências por determinados tipos, é? – perguntou com um sorriso irónico.

– Só pelo teu, meu amor, morenas e magras, de queixo atrevido.

– E o que tens a dizer sobre aquela ruiva com quem te escapuliste, sorrateiramente, ontem à noite, em casa dos Quinn?

– Não digas disparates. Ela queria mostrar-me umas águas-fortes francesas, nada mais – expliquei.

No dia seguinte, Herbert Macaulay telefonou-me.

– Viva! Só soube que estava por cá quando Dorothy Wy-  
nant mo disse. Que tal almoçarmos juntos?

– Que horas são?

– Onze e meia. Acordei-o?

– Acordou – respondi –, mas não tem importância. E se viesse cá almoçar? Estou de ressaca e não me apetece mexer-me muito. À uma hora, parece-lhe bem?

Tomei uma bebida com Nora, que se preparava para sair para ir arranjar o cabelo, outra a seguir ao duche, e, quando finalmente começava a sentir-me melhor, o telefone voltou a tocar.

– Mr. Macaulay está? – perguntou uma voz feminina.

– Ainda não.

– Peço desculpa por o incomodar, mas importava-se de lhe pedir que telefonasse para o escritório assim que chegasse? É um assunto importante.

Prometi que transmitiria o recado.

Macaulay chegou cerca de dez minutos depois. Era um indivíduo forte e atraente, de cabelo encaracolado e faces rosadas. Tinha mais ou menos a minha idade – quarenta e um anos –, embora parecesse mais jovem. Tinha fama de ser um excelente advogado. Trabalhara para ele em várias ocasiões, quando vivia em Nova Iorque, e sempre nos déramos bem. Cumprimentámo-nos com um aperto de mão e uma palmada nas costas. Ele perguntou-me se a vida me corria bem,

respon-di-lhe que «muito bem» e devolvi-lhe a pergunta. Ele retorquiu «muito bem» e eu disse-lhe que telefonasse para o escritório.

Concluiu o telefonema com uma expressão apreensiva.

– Wynant está de volta à cidade e quer encontrar-se comigo – anunciou.

Virei-me para ele com as bebidas que preparara para ambos.

– Bom, o nosso almoço pode...

– Que espere – retorquiu e pegou num dos copos que eu segurava.

– Continua o mesmo doido varrido de sempre?

– Não tem graça nenhuma –olveu Macaulay, sério. – Chegou a saber que ele esteve internado num sanatório durante quase um ano, em 1929?

– Não.

Ele confirmou com um aceno de cabeça. Sentou-se, pôs o copo na mesa ao lado da cadeira e inclinou-se ligeiramente para mim.

– Que anda Mimi a tramar, Charles?

– Mimi? Ah, a mulher, ou melhor, a ex-mulher! Não sei. É obrigatório que ande a tramar alguma coisa?

– Geralmente, anda – redarguiu ele, secamente, continuando depois em voz muito pausada: – Julguei que soubesse do que se tratava.

Então era isso.

– Oiça-me, Mac – disse eu –, não trabalho como detetive há seis anos, desde 1927. – Olhou-me, surpreso. – Estou a falar a sério! – asseverei. – Um ano depois de me ter casado, o pai da minha mulher faleceu e deixou-lhe uma serração, um caminho-de-ferro de via reduzida e uma série de outras coisas, por isso deixei a Agência para tomar conta dos negócios. De qualquer modo, jamais trabalharia para Mimi Wynant, ou Jorgensen, ou lá como ela se chama agora. Ela nunca gostou de mim e eu nunca gostei dela.

– Não me ocorreu que você... – Macaulay concluiu a frase com um gesto vago e pegou no copo. Quando o afastou dos lábios, disse: – Estava a especular, nada mais. Há três dias, ou seja, na terça-feira, recebi um telefonema de Mimi a dizer que estava à procura de Wynant. Ontem, Dorothy telefonou-me a dizer que você tinha sugerido que ela me ligasse e depois apareceu no escritório... Enfim, julguei que você ainda trabalhasse como detetive e estava a tentar perceber o que se passava.

– Elas não lhe disseram?

– Claro que sim. Desejavam encontrar-se com ele, em memória dos bons velhos tempos, o que é muito significativo.

– Vocês, advogados, são uma pandilha de desconfiados – disse eu. – Talvez desejem mesmo. Por isso e pelo dinheiro. Para quê tanto alvoroço? Ele está escondido?

Macaulay encolheu os ombros.

– Sei tanto como você. Não o vejo desde outubro. – Tomou mais um gole. – Quanto tempo pretende ficar na cidade?

– Até ao Ano Novo – respondi, encaminhando-me para o telefone a fim de saber a ementa do dia.